

## O LENÇO PALESTINO

VIRGILIO ZABALLOS

Este ponto de vista, sobre o assunto, tem como base os princípios do Reino de Deus, sobre o fundamento das Sagradas Escrituras, de acordo com o que entende o autor, responsável por tais aspectos sobre os quais existem outras interpretações; e é dirigido em primeiro lugar a todos os crentes, nascidos de novo e que fazem parte do Corpo de Cristo

Em minha ingenuidade inata sempre cri que nós, os crentes, não devíamos nos conformar com os esquemas deste século, mas nos transformarmos mediante a renovação de nossos pensamentos para conhecer qual é a vontade de Deus.



Pessoalmente não costumo me inteirar de modismos até que eles se arraiguem na sociedade e são tão evidentes que dificilmente podem passar despercebidos. Isto é o que me aconteceu com o chamado lenço palestino. Foi meu filho Marcos quem o comentou pela primeira vez, mas o mais incrível é que não são os liberais e moderninhos de plantão que os usam, mas os próprios crentes seguem esta moda sem saber o significado de identificar-se com semelhante vestuário. Investigando um pouco sobre o assunto, percebi que é uma praga muito difundida, que há

uma infinidade de modelos destes lenços e que aparecem por toda parte como fungos, depois de um dia chuvoso. O incrível para mim não é a moda em usá-lo, mas que tem sido usado tão “alegremente” entre os crentes, os quais supostamente deveriam ter mais discernimento. Uma vez mais se cumpre a máxima do profeta Oséias, “Meu povo é destruído por falta de conhecimento” (Oseias, 4:6).

Fico perplexo em pensar até onde pode chegar a ignorância de um povo que sem sabê-lo, por endurecimento, ou simplesmente estupidez ao seguir a moda das correntes deste mundo sem tom nem som, é capaz de se opor à vontade de Deus com este lenço, que é a identificação de uma pessoa e uma causa oposta frontalmente à revelação de Deus em Sua Palavra.

Sabemos que os símbolos sempre são identificações de pessoas, causas, ideologias, instituições ou nações. Alguns símbolos identificam ideologias que causaram terror e morte, como os distintivos nazistas, que são proibidos pela dor que produziram; entretanto, não me parece que seja menos importante os crentes envolverem seus pescoços com um lenço que identifica um terrorista, mentiroso, ladrão e enganador como foi Yasser Arafat, dirigente do grupo terrorista OLP.



Compreendo que aqueles que seguem a moda, pela inércia das massas arrastadas por um feitiço que se instala na sociedade e pelo qual multidões de pessoas aderem, não sabem o que realmente significa. Ainda que deva dizer que neste caso, a ignorância é menos justificável porque até muito pouco tempo atrás, tínhamos o líder da OLP (Organização para a Libertação da Palestina) vestindo este item

em todas as partes por onde ia.

Yasser Arafat foi uma personagem pública muito conhecida, e ainda que tenha recebido o prêmio Nobel da paz, junto com o líder judeu Shimon Peres, nunca se arrependeu de seu passado terrorista e seus enganos ficaram tão evidentes que é difícil manter a imagem deste líder como a de um homem de paz. A OLP historicamente se instalou na Jordânia, onde foi expulsa pelo exército do rei Hussein, deixando em seu caminho destruição e morte entre os árabes. Depois se instalou no Líbano, onde formou um estado dentro do Estado libanês e que desatou uma guerra civil com mais ruína e morte entre os próprios árabes. Por não falar dos fundos que recebeu da Comunidade Econômica Europeia e que nunca chegaram ao povo que representava, mas que em grande parte foram usados como uma arma de seu governo populista e tirânico, sendo uma das grandes fortunas enquanto seus governados padeciam todo tipo de escassez e penúrias. E também soube muito bem manipular e extorquir os meios de comunicação dóceis para desviar a atenção ao culpar o Estado judeu de ser o causador de todas suas misérias

A OLP foi responsável pelos assassinatos de onze atletas judeus nas Olimpíadas de Munique em setembro de 1972. Este grupo terrorista foi um dos mais sanguinários da história recente.

Bem, o líder mais conhecido deste grupo terrorista, Arafat, adotou como sinal de identidade o lenço palestino, conhecido como hatta e Kuffiya, e que por sua vez havia sido imposto pelo grande mufti de Jerusalém, Al-Husseini, parente de Arafat e grande amigo dos nazistas, como vestuário masculino obrigatório sob pena de morte entre os anos 1936 e 1939.

Por outro lado, este lenço vem identificar a causa do povo palestino em sua batalha pela destruição do Estado de Israel, uma luta que pretende reivindicar o território de Eretz Israel como propriedade e a capital de Jerusalém.

Esta causa do ponto de vista político pode ser muito complexa e oferece material para discussão por um dia inteiro, mas do ponto de vista de um crente

nas Escrituras do Deus de Israel, não pode haver dúvidas de que essa terra pertence a Israel pela vontade Soberana de Deus. A História também dá razão ao povo judeu porque nela nunca houve um povo palestino, nem um Estado palestino. Ela ficou sob domínio de diferentes potências: Roma, império Bizantino, dos califas árabes em 638 d.C. que a governaram das distantes Damasco ou Bagdá, depois os cruzados cristãos, foi anexada à Síria como província sujeita aos mamelucos egípcios e finalmente sob os turcos Otomanos, cuja capital estava em Istambul. Depois da primeira guerra mundial, veio a ficar sob mandato britânico até o surgimento do moderno Estado de Israel em 1.948. Durante todo este tempo, houve presença dos chamados palestinos por residirem no território conhecido por esse nome, nome posto pelos romanos na época do imperador Adriano (117 - 138 d.C.), que significa terra dos filisteus; também mudaram o nome de Jerusalém para Aelia Capitolina.

Estes são dados históricos que estão à disposição de qualquer um que ame a verdade histórica com um mínimo de decência. Estes fatos ocorreram durante a chamada rebelião de Bar Kokhba (132 – 135 d.C). Cito em sequência, uma resenha tirada da enciclopédia Wikipédia na internet, sobre essa rebelião. “De acordo com Dion Cassio, 580.000 judeus foram assassinados. 50 cidades fortificadas e 985 aldeias também foram arrasadas. Os romanos também sofreram grandes perdas. Adriano tentou destruir a identidade judaica, desde sua raiz, porque havia sido a causa de contínuas rebeliões. Proibiu a lei mosaica (Torá), o calendário judeu e assassinou numerosos estudiosos e eruditos. Os rolos sagrados foram queimados em uma cerimônia no monte do Templo. No local do templo, instalou duas estátuas, uma do deus romano Júpiter, outra dele mesmo. Administrativamente eliminou a província romana da Judéia fundindo-a com outras na «Syria Palaestina», tomando o nome dos filisteus, antigos inimigos dos judeus, e fundou a cidade de Aelia Capitolina no lugar de Jerusalém, proibindo aos judeus ingressarem nela”. E adicionou que os filisteus não eram árabes, mas procedentes da ilha de Creta. Digo isto porque uma das mentiras de Arafat tem sido a de propagar que os palestinos são descendentes dos antigos filisteus, com o intento de estabelecer os palestinos, na terra santa, antes dos judeus, o que não é sustentado historicamente.

Resumindo diremos que o lenço palestino vem a ser um símbolo identificador de um líder terrorista, e uma causa, a palestina, que pretende desalojar Israel de sua terra dada por Deus.

O presidente espanhol, José Luis Rodriguez Zapatero, deixou-se fotografar com este lenço no Festival Internacional das Juventudes Socialistas, causando grande controvérsia no mundo político por seu partidarismo e importunidade.

Como estudioso e amante das Escrituras, ao pensar na influência que este lenço tem em tantos crentes, vejo o resultado lógico da teologia da substituição, tão disseminada em alguns círculos cristãos, e que pretende ignorar os propósitos eternos de Deus com seu povo Israel e substituí-los pela igreja institucional. Deus deu a promessa da terra de Canaã a Abraão e sua descendência para sempre, portanto, identificar-se com a causa palestina, ainda que seja com o distintivo de um lenço, é opor-se à vontade de Deus.

<sup>14</sup> E disse o Senhor a Abrão, depois que Ló se apartou dele: Levanta agora os teus olhos, e olha desde o lugar onde estás, para o lado do norte, e do sul, e do oriente, e do ocidente; <sup>15</sup> **Porque toda esta terra que vês, te hei de dar a ti, e à tua descendência, para sempre.** <sup>16</sup> E farei a tua descendência como o pó da terra; de maneira que se alguém puder contar o pó da terra, também a tua descendência será contada. <sup>17</sup> Levanta-te, percorre essa terra, no seu comprimento e na sua largura; **porque a ti a darei.** <sup>18</sup> E Abrão mudou as suas tendas, e foi, e habitou nos carvalhais de Manre, que estão junto a Hebrão; e edificou ali um altar ao Senhor. (**Gênesis, 13**).

Identificar-se com a causa palestina através do lenço é se colocar ao lado do adversário de Deus, o que se opõe à Sua Vontade, cega o entendimento dos incrédulos, engana o mundo levantando argumentos contra o conhecimento e a Vontade de Deus (2 Coríntios, 10:3-5); é seguir as correntes do sistema deste mundo dirigido pelo príncipe da potestade do ar que opera nos filhos da desobediência (Efésios, 2:2), é não discernir os tempos (Romanos, 13:11) nem os espíritos (1 João, 4:1), mas seguir a dissolução de uma época cheia de ignorância e manipulação na qual as massas de crentes que não amam a verdade, mas o espetáculo mundano, são presas e arrastadas pela feitiçaria de formas de vida estranhas à simplicidade do evangelho e do Espírito da verdade.

O apóstolo Paulo nos exorta a não nos conformarmos ao esquema deste século, mas a nos transformarmos, mediante a renovação de nosso entendimento, para que possamos conhecer qual é a boa vontade de Deus, agradável e perfeita. (Romanos, 12:2).

Andar com Deus, viver em Cristo, é caminhar pela senda estreita. É levar a cruz a cada dia e sofrer o opróbrio da impopularidade por causa do evangelho e da verdade de Deus. Mas este povo que se levantou hoje com tanta auto-suficiência, tão forte na carne e em suas potencialidades, não sabe que é miserável, pobre, cego e nu (Ap. 2:17). Um povo obstinado no erro, com a consciência cauterizada, que se deixa arrastar por qualquer vento de doutrina ou novidade em forma de sistemas de sucesso para expressar seus próprios desejos de grandeza e domínio, esse povo não está edificado em seu espírito, nem fortalecido com a comida do anjo que o separa de Jezabel e sua feitiçaria, e andando na solidão do deserto alcança Horebe, o monte de Deus para ouvir sua voz (1 Reis, 19).

Historicamente, esse caminho de solidão e deserto foi percorrido pelo povo de Israel - e muitos crentes que não dobram seus joelhos diante de Baal - ao longo destes dois mil anos de diáspora, expulso de sua terra e perseguido pelos povos e nações denominados cristãos, cuja teologia os despojou inclusive de suas Escrituras, para ocupar seu lugar, e com uma boa dose de escuridão e ignorância vestirem o lenço da causa palestina, desprezando a palavra dos profetas de Israel que se lê nas igrejas a cada domingo, e que falaram da restauração deste povo a sua terra nos dias anteriores ao advento do Messias.

<sup>14</sup> E trarei do cativeiro meu povo Israel, e eles reedificarão as cidades assoladas, e nelas habitarão, e plantarão vinhas, e beberão o seu vinho, e farão pomares, e lhes comerão o fruto. <sup>15</sup> **E plantá-los-ei na sua terra, e não serão mais arrancados da sua terra que lhes dei**, diz o Senhor teu Deus. (Amós, 9).

<sup>29</sup> E disse-lhes uma parábola: Olhai para a figueira (Israel, Joel 1:6, 7), e para todas as árvores; (em Ez. 17:22-24 temos que as árvores são figura das nações cujo surgimento nacionalista vemos em nossos dias). <sup>30</sup> Quando já têm rebentado, vós sabeis por vós mesmos, vendo-as, que perto está já o verão. <sup>31</sup> Assim também vós, quando virdes acontecer estas coisas, sabeis que o reino de Deus está perto. **(Lucas, 21)**.

Quando pensava em tudo isso a comoção de meu espírito me turbou e pensei em escrever este artigo para expor o sentimento de meu coração. Compreendo que existem muitos amados irmãos que ficarão alarmados por tais palavras e se perguntarão sobre a veracidade ou exagero das mesmas. Não quero poupar na crueza de minha exposição com o propósito aberto de produzir uma reflexão séria, usando como modelo o chamado lenço palestino, como um exemplo da distância da verdade em que vivemos nestes dias, especialmente no que diz respeito ao mistério de Israel.

O autor de Hebreus nos fala dos pecados do povo cometidos em ignorância, o sumo sacerdote entrava somente uma vez no lugar santíssimo com sangue para fazer expiação inclusive dos pecados cometidos em ignorância, da mesma maneira, nosso Sumo Sacerdote, Jesus Cristo, realizou a expiação com seu sangue dos pecados de nossa ignorância e nos proporcionou através da verdade que nos torna livres (João, 8:31-32) e santifica (João, 17:17) o meio para escaparmos deles.

“Mas somente o Grande Sacerdote entra na parte de trás, que é o Lugar Santíssimo, e isso apenas uma vez por ano. Ele oferece a Deus o sangue de animais, em favor de si mesmo e também pelos pecados que o povo cometeu sem saber que estava pecando” (Literalmente pela ignorância do povo) (Hebreus 9:7 - NTLH).

Vosso em Cristo

Virgilio Zaballos, pastor.  
Dezembro, 2008

[Contatar-se](mailto:vzaballos@hotmail.com)  
[vzaballos@hotmail.com](mailto:vzaballos@hotmail.com)